

Além-Brasil

Tradução

Transferências culturais,
imprensa e periódicos:
da *Gazette d'Augsbourg* à
Revue de Métaphysique et de Morale



Bandeiras da França e da
Alemanha, fotografias,
montagem (detalhes).

Michel Espagne

Doutor pela Paris IV-Sorbonne. Pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS-ENS Transferts Culturels). Autor, entre outros livros, de *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999. michel.espagne@ens.fr

Transferências culturais, imprensa e periódicos: da *Gazette d'Augsbourg* à *Revue de Métaphysique et de Morale*

Cultural transfers, press and periodicals: from the Gazette d'Augsbourg to the Revue de Métaphysique et de Morale

Michel Espagne

Tradução: *Valéria dos Santos Guimarães**

RESUMO

As pesquisas sobre transferências culturais têm procurado testar novas possibilidades para ir além do quadro nacional da história cultural e examinar o processo de transferência de um objeto cultural de um contexto inicial para um contexto de recepção. A ênfase é colocada no papel dos diferentes mediadores e na inevitável reinterpretação semântica da importação. A partir do exemplo da *Gazette d'Augsbourg* e de seu colaborador mais ilustre, Heinrich Heine, a imprensa alemã de meados do século XIX concentrou-se na conjuntura social, política e artística de Paris, o tradicional laboratório de revoluções. Em outro sentido, e como muitas outras publicações da época, a parisiense *Revue de Métaphysique et de Morale*, no final do século XIX, só estava interessada na filosofia alemã, ou seja, em sua maneira de refletir sobre o mundo, com a finalidade de se aproveitar de seus debates para a elaboração de sua própria filosofia, mas sem se submeter a eles. É sobre a circulação de ideias entre os dois países por meio dos periódicos que o artigo se concentra.

PALAVRAS-CHAVE: ressemantização; transferências culturais França/Alemanha; revistas de filosofia.

ABSTRACT

*Research on cultural transfers aims to test new possibilities for going beyond the national framework of cultural history and examining the process of moving a cultural object from an initial context to a host context. The focus is on the role of the various mediators and the inevitable semantic reinterpretation of the import. Following the example of the *Augsburger Zeitung* and its most illustrious contributor, Heinrich Heine, the German press of the mid-19th century focused on the social, political and artistic situation in Paris, the traditional laboratory of revolutions. In another sense, and like many other publications of the time, the *Revue de Métaphysique et de Morale*, at the end of the 19th century, was only interested in German philosophy – i.e., its way of thinking about the world – with the aim of drawing on their debates to develop his own philosophy, but without submitting to them. The article focuses on this circulation of ideas between the two countries through periodicals.*

KEYWORDS: *resemantization; cultural transfers Germany/France; philosophical journals.*



* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em História e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp-Franca). Autora, entre outros livros, de *Le transferts culturels : l'exemple de la presse en France e au Brésil*. Paris : L'Harmattan, 2011. valeria.s.guimaraes@unesp.br

Apresentação do autor

Conhecido germanista francês, Michel Espagne vem renovando a história cultural, em particular a história comparada, com contribuições fundamentais para se pensar a circulação e recepção de suportes e ideias, com especial atenção para a análise hermenêutica e a problemática da ressignificação dos conceitos. Suas análises sobre as trocas circunscritas ao que ele chamou de espaço cultural franco-alemão, sobretudo na área da filosofia dos séculos XVIII e XIX, encontraram na figura do polímata de Düsseldorf, o poeta romântico Henrich Heine, campo aberto para a reflexão, que se tornou tema de sua tese de *habilitation*.

Heine participava do debate sobre o socialismo utópico, e sua obra não encontrou boa acolhida na Alemanha, tendo sido considerada subversiva. Proibido de lecionar nas universidades de seu país de origem, não lhe restou outra alternativa que não o exílio definitivo em Paris da Monarquia de Julho, onde continuou a difundir ideias de liberdade. Lá exerceu prolífica produção de textos literários e viu sua poesia ser musicada por Robert Schumann, Brhams, Richard Wagner e outros mais. No meio acadêmico concentrou-se na reflexão filosófica e histórica sobre a conjuntura alemã, publicando em periódicos de grande projeção no cenário intelectual francês como a *Revue des Deux Mondes* e a *Gazette d'Augsbourg*.

Ao lado do colega Michaël Werner, Espagne publicou diversos trabalhos sobre a expressiva atuação de Henrich Heine, cuja obra foi de tal importância que continuou repercutindo dos dois lados da fronteira um século depois, quando seus livros foram incinerados pelos nazistas no fatídico 10 de maio de 1933, preconizando o terror que ele mesmo previra em 1820: “Là où l'on brûle des livres on finit par brûler des hommes” (Onde se queimam livros acabam queimando pessoas).

Michel Espagne dedica-se, assim, a explorar a atuação desse alemão radicado em Paris e de outros importantes mediadores culturais no processo de formação de um repertório da filosofia e cultura alemãs na França e vice-versa. Ele propõe ultrapassar o quadro mais recorrente nos estudos da história e literatura comparadas e da recepção cultural, apontando saídas que propiciem uma análise mais complexa no campo da história intelectual, ao lançar mão de conceitos como ressemantização, reinterpretação, mediadores culturais (*passseurs culturels*), espaço cultural e, principalmente, do que chamou de transferências culturais, em oposição ao uso mais recorrente do conceito de influência.

Neste artigo, revisado e ampliado, apresentado originalmente como conferência de abertura do V Encontro Transfopress Brasil (edição comemorativa de 10 anos) e II Encontro Imprensa francófona das Américas, realizado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, entre 18 e 23 de setembro de 2023¹, Michel Espagne trata do recorte mais específico do papel dos periódicos impressos na circulação dos debates intelectuais entre a França e a Alemanha por meio de importantes revistas eruditas, a *Gazette d'Augsbourg* e a *Revue de Méta-*

¹ Ver <<https://transfopressbrasil.franca.unesp.br/noticias/encontrorio2023/>>.

physique et de Morale, sublinhando as problemáticas advindas das apropriações singulares de conceitos em contextos tão diversos.

Valéria dos Santos Guimarães

* * *

Seguindo o exemplo da *Gazette d'Augsbourg* e de seu colaborador mais ilustre, Heinrich Heine, a imprensa alemã de meados do século XIX se dedicou à situação social, política e artística de Paris, tradicional laboratório de revoluções. Como muitos outros no final do século XIX, a *Revue de Métaphysique et de Morale* e seu editor fichteano Xavier Léon (1868-1935) tinham interesse apenas pela filosofia alemã, sua maneira de pensar o mundo e nas possibilidades de tirar proveito dela sem, contudo, se submeter a ela. Neste caso há muito a dizer sobre transferências culturais. Mas para analisar esse fenômeno na história dos livros, precisamos colocá-lo no contexto mais amplo das análises das transferências culturais.

Alguns aspectos da noção de transferências culturais

A pesquisa sobre transferências culturais tem procurado testar novas possibilidades para ir além do quadro nacional da história cultural e examinar o processo de deslocamento de um objeto cultural de um determinado contexto a outro.² A ênfase está no papel dos vários mediadores (viajantes, tradutores, livreiros, editores, colecionadores) e na incontornável reinterpretação semântica da importação. Trata-se de examinar, em particular, a mudança que a importação cultural provoca no contexto de recepção e, inversamente, o efeito positivo desse contexto de recepção sobre o significado do objeto. Portanto, estamos a meio caminho entre a hermenêutica e a sociologia da cultura.

A questão da mudança semântica associada à transferência cultural se desdobra no uso de termos que são semelhantes em vários idiomas e são considerados equivalentes, porém têm significados diferentes em contextos diferentes. Esse é, sem dúvida, o caso do vocabulário das ciências humanas e sociais em geral. Pressupõe-se que a palavra filosofia tem o mesmo significado na Alemanha e na França do século XIX, apenas para nos maravilharmos com a transformação radical de um tratado filosófico alemão que, traduzido para o francês, ganha novos significados. O pesquisador interessado em transferências culturais é guiado pela consciência de que os termos usados nas ciências humanas e sociais em diferentes países europeus impedem a comunicação até que seu significado específico seja esclarecido por um estudo histórico do termo. A história conceitual desenvolvida pelo teórico histórico alemão Reinhart Koselleck (1923-2006)³ é, portanto, de grande utilidade para a pesquisa sobre transferências culturais, com a restrição de que essa história deve ser transnacional.

Outra questão controversa é a do sujeito observador em um processo de transferência. Qualquer trabalho nas ciências humanas ou sociais é confrontado com essa questão de perspectiva, que pode ser descrita como um

² Ver ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999.

³ Ver KOSELLECK, Reinhart. *Vergangene Zukunft. Zur Semantik geschichtlicher Zeiten*. Francfort-sur-le-Main: Suhrkamp, 1979, e *idem et alii. Geschichtliche Grundbegriffe*. Stuttgart: Klett Cotta, v. 8, 1972-1997.

grande obstáculo aos estudos comparativos. Também na história nacional, o ponto de vista do historiador molda o curso de sua narrativa e, por isso, deve ser analisado. Na historiografia transnacional, entretanto, o problema se torna ainda mais perceptível. O pesquisador pode, a qualquer momento, ser suspeito de projetar no contexto estrangeiro o sistema de categorias no qual foi formado cientificamente, de tal forma que a relevância de seus resultados se torna questionável. A rigor, só se poderia pesquisar o próprio hibridismo, ou seja, os processos de transferência dos quais se origina a própria identidade cultural provisória, porque assim a reflexão sobre os próprios pré-requisitos é feita no decorrer do processo de pesquisa em si. No entanto, o risco de reflexão insuficiente na apresentação de configurações transnacionais pode ser reduzido por dois fatores. De um lado, a socialização científica na Europa não está mais limitada ao nível estritamente nacional. Os mesmos autores ou abordagens teóricas são cada vez mais considerados como fontes e autoridades. Por outro lado, pode-se esperar que uma história intercultural das ciências humanas forneça a ajuda necessária para combater o viés de pontos de vista subjetivos.

Os vestígios materiais de uma operação de transferência cultural certamente incluem coleções de livros, que adquirem sua maior importância, desse ponto de vista, quando estão muito distantes do local onde foram produzidos. A venda de livros no exterior é uma evidência de uma possível, ou até mesmo provável, transferência cultural. A busca sistemática por acervos estrangeiros só foi realizada nas bibliotecas europeias nos últimos anos, onde também se faz necessário pesquisar não apenas a existência de tais acervos, mas sua origem e a política de aquisição adotada pela equipe da biblioteca, uma incógnita que persiste sem solução.⁴ É claro que os livros estrangeiros reunidos nas grandes bibliotecas desde o século XVIII podem simplesmente ser esquecidos e só passar do status de memória latente para o de memória ativa quando as condições forem favoráveis. Todavia, as revisões críticas sistemáticas dos *corpora* estrangeiros, como o *Göttingische Gelehrte Anzeigen*, alimentados especialmente pelas inúmeras resenhas de livros do médico e crítico literário Albrecht von Haller (1708-1777), ou o *Année Sociologique* (1898-1925) de Émile Durkheim, no final do século XIX, demonstram claramente a preocupação constante de alterar o *status* dessas coleções para uma memória ativa.

A passagem para a memória ativa corresponde a uma forma de reconfiguração desses livros importados. A tentativa de criar um escritor estrangeiro importante de acordo com as necessidades do contexto de recepção, como foi o caso de Diderot na Alemanha no final do século XVIII, também deve ser entendida como uma consequência da história do livro. Uma pesquisa relevante atestou recentemente como, com base nos livros de Diderot em bibliotecas particulares, bem como em resenhas publicadas em vários anúncios acadêmicos e, às vezes, copiadas umas das outras, foi construído um Diderot especificamente alemão, que não era menos legítimo do que o modelo francês, mas tinha uma aparência muito diferente.⁵ A combinação da história do livro com a pesquisa

⁴ Cf. RAMEL, Nathalie. La constitution de fonds étrangers en bibliothèques publiques: l'exemple allemand. *Bulletin des Bibliothèques de France* (BBF), n. 6, Paris, 1993.

⁵ Cf. SAADA, Anne. *Inventer Diderot: les constructions d'un auteur dans l'Allemagne des Lumières*. Paris: CNRS-éditions, 2003.

sobre as transferências possibilita o rastreamento dos processos de apropriação e reinterpretação de figuras centrais nas culturas europeias.

As reescrituras realizadas nos contextos de recepção podem ajudar a criar uma identidade literária no contexto em que os textos foram produzidos. Como Sébastien Rozeaux mostrou recentemente em sua tese *La genèse d'un "grand monument national": littérature et milieu littéraire au Brésil à l'époque impériale (1822-1880)*⁶, uma história literária pode estar perfeitamente enraizada nas publicações de periódicos estrangeiros, em uma interação duradoura com estes. O romantismo brasileiro nasceu de uma cumplicidade com o liberalismo francês, como se a alteridade fosse um componente essencial na construção de uma identidade literária, ela própria destinada a formar a base da identidade nacional. Quem procura hoje material para uma autopercepção da China, da Índia, da Rússia ou da África com base em artigos publicados nos principais jornais franceses, alemães ou ingleses se depara, em muitos casos, com a disseminação de textos de propaganda em grande parte pré-formatados, expressando as expectativas das classes dominantes do país em que os periódicos em questão foram produzidos. De forma muito mais impressionante do que no século XIX, a mídia está sujeita a considerações geopolíticas e tem como objetivo obscurecer a imagem dos países ou até mesmo desafiar as autopercepções culturais dos países em questão. É difícil imaginar que as opiniões sobre a China expressas e publicadas no *Le Monde* por um jornalista de uma escola de Comunicação que, na verdade, é a École des Sciences Politiques (Sciences Po), seriam usadas pelos leitores chineses para imaginar uma mudança na situação local. O especialista em artigos de opinião sobre a China no *Le Monde*, expressando sua rejeição ao país em uma coluna atrás da outra, foi tão longe que uma reação oficial particularmente virulenta do embaixador chinês transformou o fato em um incidente diplomático. O papel da mídia mais estabelecida nas transferências culturais se modifica profundamente ao longo dos tempos.

Heine, um jornalista alemão em Paris

No entanto, a história da imprensa no século XIX e em grande parte do século XX é, até certo ponto, uma história de produção jornalística dedicada a países estrangeiros e destinada a transformar o próprio país do jornalista, como se o estrangeiro fosse um componente natural das mudanças desejadas no contexto em que o texto é produzido. Um caso particularmente fascinante é o dos artigos sobre a França sob a Monarquia de Julho, escritos pelo escritor alemão Heinrich Heine e publicados na *Gazette d'Augsbourg* entre 1840 e 1844.⁷ Esses artigos foram posteriormente reunidos em um volume intitulado *Lutetia* (1854), que apresentava uma visão abrangente do que o modelo francês da década de 1840 poderia oferecer à Alemanha. Uma versão francesa em alguns aspectos divergente, intitulada *Lutèce* (1855), mostrou ao público francês o que

⁶ Ver ROZEAUX, Sébastien. *La genèse d'un "grand monument national": littérature et milieu littéraire au Brésil à l'époque impériale (1822-1880)*. Tese (Doutorado em História Contemporânea) – Université Lille Nord de France, Lille, 2012.

⁷ Ver ESPAGNE, Michel. *Federstriche. Die Konstruktion des Pantheismus in Heines Arbeitshandschriften*. Hambourg: Hoffmann und Campe Verlag, 1991.

a Alemanha esperava da França. Ela apresenta a situação social na França sob uma luz mais crítica do que a versão alemã, como se a língua estrangeira fosse para o jornalista Heine uma língua confidencial. Um sistema de espelhos projetado para transformar cada cultura de acordo com as perspectivas de uma análise crítica da cultura vizinha foi, de qualquer forma, implementado. Isso se tornou ainda mais complexo pelo fato de que entre a redação desses artigos e sua reescrita publicada em um volume tenha havido a revolução de 1848 em Paris, o que alterou algumas das perspectivas e incentivou uma reescrita retrospectiva. Deve-se acrescentar que o editor da *Gazette d'Augsburg*, onde os artigos de Heine foram publicados, Johann Friedrich Cotta (1764-1832) também foi o editor de Goethe, Schiller, Fichte, Kleist, Jean Paul Richter e muitos outros representantes da literatura alemã. Heine não foi o único jornalista alemão em Paris a contribuir para essa revista, embora talvez tenha sido o mais representativo, e as outras publicações editadas por Cotta são indicativas das ambições de seu jornal.

Vamos dar um exemplo. Em maio-junho de 1840, dois eventos ocuparam a atenção do público parisiense: o retorno a Paris dos restos mortais de Napoleão, que havia morrido em Santa Helena em 1821, e o chamado caso dos judeus de Damasco, uma acusação de assassinatos rituais atribuída à população judaica dessa cidade do Oriente Médio com a cumplicidade virtual do cônsul francês, o conde de Ratti-Menton. Em seu artigo de 20 de maio de 1840, Heine começou elogiando os talentos políticos do ministro Thiers, que, em um discurso na Câmara, evocou os problemas da beterraba usada na açucareira, se bem que poderia facilmente ter tratado da filosofia alemã e do trabalho de Hegel e Schelling com a mesma clareza. Ele então se volta para a discussão sobre o entusiasmo popular provocado pela questão das cinzas de Napoleão, um entusiasmo que o ministro Thiers soube usar a seu favor. Pode parecer que Heine está simplesmente oferecendo uma imagem de uma monarquia parlamentar às margens do Sena e das estratégias de Thiers para se manter no poder, mas, na verdade, de um lado ele está sugerindo que a filosofia alemã seria uma ferramenta útil para entender a situação às margens do Sena e, por outro lado, está falando a seus leitores alemães que viviam no contexto da Santa Aliança sob um regime parlamentar.

Em 30 de maio de 1840, Heine retornou ao tema de Napoleão. Essa foi uma oportunidade de evocar as reservas que figuras literárias como Benjamin Constant, Chateaubriand e, acima de tudo, Madame de Staël, autora do ensaio filosófico *De l'Allemagne* (1813), tinham em relação ao imperador. De certa forma, o discurso sobre a sombra de Napoleão, realizado pelo escritor alemão em Paris, também diz respeito à Alemanha. O mesmo poderia ser dito sobre o caso dos judeus de Damasco, do qual se ocupa o artigo de 27 de maio de 1840. Heine afirma que não deixaria de elogiá-los por esse compromisso, se esse fosse realmente o caso, contudo os judeus parisienses pareciam estar mais interessados no futuro das empresas ferroviárias do que no destino dos judeus de Damasco. Entretanto, essa foi uma oportunidade para elogiar a atitude de Rothschild e, especialmente, a decisão do advogado Adolphe Crémieux, defensor de um judaísmo francês moderno, de ir ao Egito para participar de um possível julgamento perante o Paxá Mehemet Ali. Esse é um discurso de várias camadas. Por um lado, Heine expressa algumas reservas sobre o interesse dos judeus parisienses nos negócios. Ao mesmo tempo, porém, revela a exis-

tência de uma burguesia judaica em Paris que desempenhou um papel predominante na modernização da sociedade, o que ainda não era o caso na Alemanha, e, por outro lado, evidencia o interesse de figuras como Crémieux por uma emancipação completa. Mais uma vez, o artigo que descreve Paris é, em muitos aspectos, uma tentativa de oferecer novas perspectivas aos leitores alemães. Todos os artigos que compõem a coleção *Lutèce* têm o objetivo de interpenetrar e entrelaçar dois espaços culturais, cada um servindo de espelho para o outro e, acima de tudo, cada um se apropriando do outro para transformá-lo. O artigo de 20 de junho de 1842 refere-se a um evento aparentemente menor. Uma sessão da Académie des Sciences Morales et Politiques dedicada ao trabalho de Destutt de Tracy (1754-1836), representante da corrente materialista dos Ideólogos. Essa foi uma oportunidade para Heine apontar que Napoleão estava curioso sobre a filosofia de Kant, embora muito desconfiado dos ideólogos. Ele deveria ter suspeitado mais legitimamente da filosofia alemã, sugere Heine, que engendraria revoluções mais sérias do que o esgotado materialismo francês. E, no artigo de 15 de junho de 1843, uma espécie de apêndice de *Lutetia*, Heine vai ainda mais longe e se engaja na procura de um filósofo francês que possa ser um filósofo de qualidade ou alemão por natureza. Como ocorre frequentemente com Heine, a questão formulada, a do esclarecimento da sociedade francesa pela filosofia alemã para o maior benefício dos leitores alemães, é mais importante do que a avaliação final. Dois espaços culturais tendem a se fecundar mutuamente, se cruzar.

Revistas francesas de filosofia alemã

Se os textos de Heine sobre a França dos anos de 1840 são publicados principalmente na *Gazette d'Augsburg*, aqueles sobre a Alemanha vieram à luz no principal periódico generalista do século XIX em Paris, a *Revue des Deux Mondes*. Heine ali publicou, sobretudo, suas reflexões sobre a filosofia alemã, o primeiro rascunho de sua principal obra sobre a *História da religião e da filosofia na Alemanha* (1834).

O uso de periódicos para evocar a filosofia alemã seria uma característica constante de várias revistas.⁸ A *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger* e a *Revue de Métaphysique et de Morale* desempenharam um papel importante na formação da vida intelectual francesa entre as décadas de 1870 e 1920, tomando como referência um debate contínuo com correntes mais antigas ou contemporâneas do pensamento e das ciências sociais alemãs.

A *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, publicada a partir de 1876 pelos dois principais editores de obras sobre a Alemanha, primeiro Germer-Baillièrre e depois Félix Alcan, esteve no centro do sistema das edições sobre filosofia da *maison* Alcan. Ela permitia que os assuntos abordados na *Bibliothèque de Philosophie Contemporaine*, uma série de obras sobre as relações franco-alemãs também publicada por Alcan, fossem divulgados para um público amplo. Ela também acolhia uma grande variedade de literatura estrangeira. Por fim, a revista lutou pela especialização do campo da filosofia em torno de disciplinas recentes, em particular a psicologia, que se tornou a ciên-

⁸ Ver *idem*, *En deçà du Rhin: l'Allemagne des philosophes français au XIX^e siècle*. Paris: Cerf, 2004.

cia de referência na Alemanha com Wilhelm Wundt (1832-1920) e Gustav Fechner (1801-1887). A *Revue Philosophique* foi uma das mais destacadas adversárias do “cousinismo”, o pensamento de Victor Cousin e a retórica espiritualista sem propósito preciso, cujo monopólio os jovens filósofos que atingiam a maturidade intelectual na época da guerra de 1870 não podiam mais tolerar. Acima de tudo, a *Revue Philosophique* marcou a cumplicidade de dois homens, Alcan (1841-1925) e Théodule Ribot (1839-1916).

Filho de um farmacêutico bretão que ingressou na École Normale em 1862, Ribot frequentou aulas na Sorbonne ministradas por Elme Caro, o qual havia publicado livros sobre o pensamento de Goethe e Schopenhauer, bem como os primeiros ensinamentos do kantiano Jules Lachelier (1832-1918). Depois de obter seu diploma em 1865, lecionou em liceus antes de defender sua tese *L'hérédité, étude psychologique* em 1873⁹, que foi aceita pela Sorbonne com apenas algumas ressalvas. Desde o momento em que fundou a *Revue Philosophique* em 1876, Ribot, que importou a psicologia alemã para a França, fez de sua colaboração com o editor judeu asquenaze Félix Alcan, de Metz, uma atividade em regime de dedicação exclusiva. Ele permaneceu como diretor da revista até 1916, quando foi substituído por Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939), ele próprio um historiador da filosofia alemã e autor de um livro sobre o filósofo alemão Heinrich Jacobi. O principal ponto de virada na carreira de Ribot ocorreu em 1888, graças às suas relações de amizade com Ernest Renan, que na época era administrador do Collège de France, e que obteve do Ministério, para o benefício de Ribot, a criação de uma cadeira de psicologia experimental e comparada.

Outro ponto de virada foi marcado pela criação, em 1893, da *Revue de Métaphysique et de Morale*, destinada a jovens ricos e metafísicos, um periódico “transcendental, acadêmico e sorbonnarde (sorboniano)” que Ribot não podia deixar de ver como concorrente. Nos anos anteriores e posteriores à fundação de sua própria revista, Ribot frequentou os hospitais psiquiátricos de La Salpêtrière e Sainte Anne, assistiu às palestras de Charcot e aos cursos sobre o sistema nervoso ministrados na Sorbonne, e se esforçou para construir uma nova identidade disciplinar, a do psicólogo.

O peso da psicologia na revista era certamente notável, o que a situava na vanguarda das discussões internacionais quando, em 1877, ela assume uma posição na polêmica de Ewald Hering, professor de fisiologia em Praga, contra a lei de Gustav Fechner sobre a noção de psicofísica acerca da medição dos fenômenos mentais com base em seus correlatos fisiológicos. Ribot naturalmente usou o periódico como um balão de ensaio antes de publicar seus próprios textos. Entretanto, seria errado imaginar a revista de Ribot como um corpo monolítico ou conceber as relações entre as duas revistas como particularmente tensas, ou as escolhas intelectuais de Ribot como exclusivas. É verdade que a *Revue Philosophique* abre com um artigo de Hippolyte Taine, ele próprio um notável importador da psicologia alemã e do hegelianismo, dedicado ao tema da psicologia e reivindicando desde o início um estado de espírito científico e positivo. Mas, logo na sequência, saiu um artigo de Paul Janet

⁹ LACHELIER, Jules. *L'hérédité, étude psychologique*. Tese (Doutorado em Psicologia Científica) – Université Sorbonne, Paris, 1873.



sobre as razões fundamentais que deixavam evidente o desejo de abertura do periódico.

A partir de 1893, houve até mesmo numerosas trocas entre a *Revue de Métaphysique et de Morale* e a *Revue Philosophique*, formando um primeiro grupo de colaboradores de uma das duas revistas disposto em publicar também na outra. Por exemplo, sob a influência de Lévy-Bruhl, a *Revue Philosophique* publicou artigos do kantiano Léon Brunschvicg, do medievalista Etienne Gilson e do imigrante ortodoxo Léon Chestov. Ribot permaneceu, acima de tudo, um filósofo e não um cientista, e seu interesse por Schopenhauer seria suficiente para ilustrar a persistência dessa referência filosófica. Para ele, a psicologia precisava ser liberada, particularmente na esfera alemã, de uma teia metafísica na qual ainda estava aprisionada no trabalho de Herbart, Lotze, Fechner, Lazarus e Steinthal. E foi particularmente na tarefa de desvencilhá-la dessas amarras que vai se empenhar Ribot, sendo a *Revue Philosophique* a ferramenta para, a um só tempo, apropriar-se de e ressemantizar a filosofia alemã.

Ao folhear a *Revue Philosophique* serão encontrados, claro, artigos sobre a psicologia alemã. Logo no primeiro ano, Théodule Ribot dedicou um artigo à psicologia de Herbart e, três anos depois, houve um novo artigo sobre Herbart, sua vida e sua filosofia. Várias contribuições trataram em detalhes a obra do psicólogo alemão Lotze. No entanto, com relação tanto a Herbart quanto a Lotze, pode-se dizer que a psicologia permanece ligada a considerações puramente filosóficas. A psicologia empírica não está ausente, e o colaborador francês de Wilhelm Wundt, o grande psicólogo experimental de Leipzig, Victor Henri, descreve os laboratórios de psicologia experimental na Alemanha ou aborda um problema tão preciso quanto “ações de interrupções em fenômenos de fala”¹⁰ ou “sugestionabilidade natural em crianças”.¹¹

A *Völkerpsychologie* [Psicologia dos povos] de Wundt, uma obra importante na fronteira entre a psicologia e a antropologia, também está listada na revista. Mas, quer estejamos lidando com a *Völkerpsychologie* ou com a metafísica, há uma tendência óbvia na obra de Wundt para tratar a psicologia empírica de um ponto de vista ainda filosófico, de uma filosofia em que o criticismo se esforça para salvar a metafísica inclusive na história das ciências. Já em 1877, Emile Boutroux, um dos mestres da futura *Revue de Métaphysique et de Morale*, ali publicou a teoria da história da filosofia do neokantiano Edouard Zeller.¹²

Em 1881, Alfred Fouillée, uma das pessoas que apresentou Nietzsche à França, falou sobre o lugar da filosofia neokantiana na França. Quando abordou a questão das origens de nossa estrutura intelectual e cerebral, ele se esforçou para combinar um estudo do kantianismo com considerações sobre o evolucionismo. Henri Lévy-Bruhl falou sobre Jacobi em 1894. Auguste Penjon, em um artigo intitulado “Une forme nouvelle de criticisme (African Spir)” [Uma nova forma de criticismo], defende e ilustra seu amigo kantiano russo de língua alemã, cuja tradução ele disponibilizou. Até mesmo a filosofia da moda de Edouard von Hartmann, um explorador do inconsciente, e a de Nietzsche tiveram lugar em uma revista que se concebia como um espaço para a cientificiza-

¹⁰ HENRI, Victor. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, Paris, 1894-1, p. 608-620.

¹¹ *Idem*, *ibidem*, 1894-2, p. 337-347.

¹² Ver ZELLER, Edouard. Première partie: La philosophie des Grecs avant Socrate. In: *La philosophie des grecs considérée dans son développement historique*. Paris: Hachette, 1882.

ção do discurso filosófico. Há temas filosóficos aos quais a revista gosta de se dedicar. A questão do monismo na Alemanha, abordada, por exemplo, por Désiré Nolen, tradutor de Wundt e do neokantiano Lange, permite conciliar uma reflexão sobre as ciências e a filosofia. O mesmo se aplica aos problemas epistemológicos. Nolen estava igualmente interessado nos lógicos alemães.

Juntamente com a cientificização da psicologia, a *Revue Philosophique* também procurou incentivar que a filosofia se voltasse para a sociologia. As referências alemãs desempenharam um papel significativo nesse processo. Antes de dar a público suas contribuições sobre o método sociológico em geral, Durkheim publicou um longo artigo sobre “La science positive de la morale en Allemagne” (A ciência positiva da moral na Alemanha), que era uma avaliação de sua própria estadia nas universidades e seminários do outro lado do Reno. Ao lado de Durkheim, o sociólogo franco-hispano-russo Eugène de Roberty (1843-1915), formado na Alemanha e marcado pelo espírito do positivismo, foi o autor de várias colaborações que situam a sociologia em tensão entre a teoria durkheimiana e o positivismo puro. A recepção do pensamento alemão nas revistas de filosofia francesas determinou uma virada em direção às ciências sociais na história intelectual francesa.

É precisamente por causa de suas ambiguidades e das muitas tensões que ela veicula que a *Revue Philosophique* tem seu interesse para um estudo da referência à Alemanha. Um elemento dessa ambiguidade é a considerável importância dada à estética. Charles Bénard, que introduziu a estética hegeliana e a filosofia de Schelling na França, foi um colaborador incansável de uma estética que estava, reconhecidamente, se desintegrando. Junto com essa referência à tradição de penetração da estética alemã, há artigos que, lembrando a relação entre estética, *aisthesis* e a psicologia da percepção, articulam filosofia e psicologia. Por mais de 15 anos, a *Revue Philosophique* de Ribot abriu espaço para essa coincidência entre a curiosidade epistemológica e o resgate da metafísica que caracterizou a *Revue de Métaphysique et de Morale*. A alusão à Alemanha está ligada a ambos os níveis, o filosófico e o das ciências psicológicas e sociais.

A *Revue de Métaphysique et de Morale* foi fundada em 1893, em parte para contrabalançar a *Revue Philosophique* de Ribot e em parte com a ambição menos claramente declarada de continuar o empreendimento neocriticista da *Critique Philosophique* de Renouvier, que deixou de ser publicada em 1889. No centro dessa fundação estava Xavier Léon, uma rede de amigos provenientes da melhor burguesia parisiense, muitos dos quais haviam se conhecido nas aulas do Lycée Condorcet, que Marcel Proust também frequentou no final da década de 1880. Xavier Léon, filho de um médico do Exército, cuja saúde frágil o impediu de fazer o exame de *agrégation* (concurso para professor do ensino médio e superior) em filosofia e ensino, era um especialista em Fichte, a quem dedicou duas obras notáveis, tentando situar, essencialmente, o arauto do nacionalismo alemão na continuidade de um compromisso jacobino e “salvá-lo” dos excessos nacionalistas da Alemanha wilhelminiana, para transformar o campeão do nacionalismo alemão em um fervoroso defensor do republicanismo francês e uma referência fundadora para a nação francesa.¹³

¹³ Cf. GUEROUULT, Martial. Fichte et Xavier Léon. *Revue Philosophique de la France et de L'étranger*, n. 136, Paris, 1946.

Mas, acima de tudo, ele foi movido por uma ideia de amizade filosófica que o levou não somente a doar sua fortuna pessoal à revista, como ainda a fundar a *Société Française de Philosophie* e a dar início aos primeiros congressos filosóficos internacionais. Entre os amigos íntimos de Xavier Léon estavam Louis Couturat, o especialista em Leibniz, Auguste Penjon, o tradutor de filosofia alemã, e Célestin Bouglé (1870-1940), que, como Durkheim, pesquisou as fontes da sociologia na Alemanha, onde havia estudado, e escreveu um livro sobre seus estudos lá. Embora esses jovens formassem um grupo muito ativo de intelectuais, eles precisavam de patrocínio oficial. Receberam-no de Emile Boutroux, o principal professor de filosofia alemã em Paris, e de Jules Lachelier, a personificação do neokantismo, bem como do schellingiano Félix Ravaisson. Este último foi muito receptivo ao projeto de Xavier Léon e, desde a primeira edição, concordou em escrever um artigo substancial comentando a própria denominação da revista, um título claramente inspirado pelos interesses fichteanos do diretor. Por meio de Ravaisson, o periódico estava revivendo a tradição espiritualista pós-schellingiana, da qual o autor do tratado sobre *L'habitude* (O hábito, 1838) era o maior expoente. Entretanto, a habilidade dos editores consistiu em não se deixarem prender entre uma posição a favor da metafísica e o positivismo cientificista que a *Revue Philosophique* teria representado. A história da ciência desempenhava um papel muito relevante na *Revue de Métaphysique et de Morale*, que foi criticada por conceder muito espaço à lógica, à matemática e à epistemologia da ciência em suas primeiras edições. Além disso, o círculo dos principais colaboradores de uma das duas grandes revistas concordou em publicar na outra. Lucien Lévy-Bruhl, o futuro diretor da *Revue de Philosophie* depois de Ribot, também trabalhou na *Revue de Métaphysique et de Morale*.

A abertura da *Revue de Métaphysique et de Morale* para as ciências foi complementada pela preocupação em não excluir as nascentes ciências sociais. Por exemplo, Durkheim, assim como Bergson, foi incluído na lista de colaboradores e, entre 1894 e 1895, Célestin Bouglé publicou artigos sobre as ciências sociais na Alemanha e, mais especificamente, sobre os sociólogos Simmel e Ihering. Entre os colaboradores mais assíduos, o leibniziano Louis Couturat forneceu 36 contribuições. O revigoramento da metafísica sob os auspícios de Fichte implicou um interesse contínuo na filosofia alemã, e, entre os colaboradores mais proeminentes, vários eram germanistas. Assim, Théodore Ruysen (1868-1967), autor de obras sobre Kant e Schopenhauer, mas, acima de tudo, criador da solidariedade internacional e da sociedade das nações¹⁴, publicou 26 artigos, incluindo vários dedicados à filosofia alemã.

O psicólogo germanista e especialista em misticismo H. Delacroix contribuiu com 15 artigos, um dos quais voltado para a formação do idealismo mágico no poeta romântico Novalis (1908), porém os 16 artigos do germanista Charles Andler foram mais intensos. A referência alemã foi ainda construída em diálogo com os artigos do hegeliano Georges Noël, que escreveu vários textos sobre a lógica hegeliana em meados da década de 1890. Ela foi construída em torno das contribuições de Victor Delbos (1862-1916), muitas das quais,

¹⁴ Cf. LORRAIN, Sophie. *Des pacifistes français et allemands pionniers de l'entente franco-allemande (1870-1925)*. Paris: L'Harmattan, 1999.

das 27 colaborações publicadas, tratavam da Alemanha. Destaca-se a série intitulada “Os fatores kantianos da filosofia alemã”, divulgada após sua morte, de 1919 a 1928, bem como uma apresentação de Husserl. Victor Delbos foi, sem dúvida, um dos melhores conhecedores do idealismo alemão entre os colaboradores da revista. A evolução da referência alemã se manifestava igualmente pelos vários textos sobre a Alemanha escritos pelo italiano Croce. Ela passa pelos artigos que o filósofo vitalista alemão e Prêmio Nobel Rudolf Eucken aceitou disponibilizar para seus amigos franceses.

Com seus 320 assinantes por volta de 1893 e 600 assinantes por volta de 1906, a *Revue de Métaphysique et de Morale* havia se tornado uma das principais fontes de informação sobre a filosofia alemã. O estudo das relações com uma cultura estrangeira por meio da imprensa periódica em geral e das revistas em particular constitui, assim, um marcador particularmente eloquente dos movimentos de transferência. Pelo número de artigos e por sua extensão, é possível proceder à quantificação, inclusive. Todavia, essa talvez não seja a dimensão mais importante. A imprensa e as revistas possibilitam o rastreamento de estratégias complexas para modificar e adaptar elementos importados, para espelhar outras culturas e para usá-las para reformular o contexto da cultura anfitriã.

A dinâmica dos processos de transferência, inicialmente estudados a partir de uma perspectiva franco-alemã, não deve ser entendida como uma tentativa de repetir as características da história nacional no nível de um todo mais amplo, europeu, como se os estudiosos das ciências humanas e sociais tivessem simplesmente de cumprir o mandato tácito da UE (União Europeia) e documentar a unidade cultural da Europa. Com base em observações de processos de hibridização e na reinterpretação de ideias importadas, a pesquisa sobre transferências tem como objetivo renovar a história das ciências humanas. Ela enfatiza o papel da mediação e lida com a hierarquia das determinações espaciais (nação, região, cidade); ela se esforça para descrever as complexas interdependências entre vários contextos sistêmicos.

Na medida em que o método de transferência pode desencadear uma historiografia focada em transições, ele está imune ao perigo de produzir um todo indiferenciado ou de isolar um espaço europeu do mundo exterior. Desde os primeiros pintores mexicanos, que encontraram uma fonte de inspiração nas *Metamorfoses* de Ovídio, passando pela leitura de Goethe leitor de Hafiz e pelos pintores franceses do século XIX, atraídos pelos sonhos orientais com a conquista da Argélia, até a adoção da arte da África negra no cubismo, os processos de transferência não devem de modo algum se restringir à Europa. Se a busca por transferências indica que a história cultural europeia deve ser aberta como um novo laboratório, então esse laboratório deve se recusar obviamente a minimizar a comunicação com o resto do mundo. Quer estejamos falando dos monumentos arquitetônicos da Babilônia situados na Ilha dos Museus, em Berlim, quer do obelisco egípcio de Luxor em Paris, os objetos de prestígio das capitais europeias apontam para mecanismos de importação que nos levam muito além das fronteiras da Europa.

Tradução recebida em 14 de março de 2024. Aprovada em 2 de maio de 2024.